



INTER
FACES
CIENTÍFICAS

EDUCAÇÃO

ISSN IMPRESSO 2316-333X

E-ISSN 2316-3828

DOI-10.17564/2316-3828.2017v6n1p13-22

CIBERESPAÇO, ETNOGRAFIA VIRTUAL E EDUCAÇÃO: A COMPREENSÃO DE OUTROS E NOVOS ESPAÇOS DE PESQUISA

CYBERSPACE, CYBER-ETHNOGRAPHY AND EDUCATION: THE UNDERSTANDING OF OTHER AND NEW RESEARCH AREAS
CIBERESPACIO, ETNOGRAFÍA VIRTUAL Y EDUCACIÓN: LA COMPRENSIÓN DE OTROS Y NUEVOS ESPACIOS DE INVESTIGACIÓN

Maristela Abadia Guimarães¹

Kátia Morosov Alonso²

RESUMO

Este artigo é parte de tese de doutoramento desenvolvido no contexto do Lêtece/UFMT. É fruto de pesquisa de caráter multidisciplinar na área de educação em diálogo com o projeto “Aprender e ensinar com as TDIC: sobre tendências, dilemas e perspectivas”. Discorremos sobre o processo de construção da investigação que se desenvolveu no ciberespaço, baseado na Etnografia Virtual (HINE, 2004). A pesquisa é etnográfica, e a internet se configurou como veículo onde se processam as mudanças sociais (CASTELLS, 1999) e espaço profícuo para pesquisas em todas as áreas. Buscamos as condições

de existência dos migrantes haitianos no Brasil, entre 2010-2016, a partir de manifestações de brasileiros nos portais de notícias *G1*, *Folha de São Paulo* e *UOL* e nas redes sociais *Facebook* e *Twitter*, com foco no racismo.

PALAVRAS-CHAVE

Etnografia Virtual. Cibercultura. Mídias e Redes Sociais Digitais. Migração.

ABSTRACT

This article is part of a doctoral dissertation developed in the context of Lêtece/Federal University of Mato Grosso [UFMT]. It is the result of a multidisciplinary research in the area of education in dialogue with the project “Learning and teaching with the information and communication technologies: trends, dilemmas and perspectives”. We discuss the process of constructing the research that was developed in cyberspace, based on the Cyber-Ethnography (HINE, 2004). The research is ethnographic, and the internet configured itself as a vehicle for social changes (CASTELLS, 1999) and a proficuous space for research in

all areas. We researched the conditions of existence of Haitian migrants in Brazil, from 2010 to 2016, from the demonstrations of Brazilians in the news portals *G1*, *Folha de São Paulo* and *UOL* and in the social networks *Facebook* and *Twitter*, focusing on racism.

KEYWORDS

Cyber-Ethnography. Cyberculture. Media and Digital Social Networks. Migration.

RESUMEN

Este artículo es parte de una tesis de doctorado desarrollada en el contexto del Lêtece/UFMT. Es fruto de una investigación multidisciplinaria en el área de educación en diálogo con el proyecto “Aprender e ensinar com as TIC: sobre tendências, dilemas e perspectivas”. Hemos discutido sobre el proceso de construcción de la investigación que se desarrolló en el ciberespacio, basado en la Etnografía Virtual (HINE, 2004). La investigación es etnográfica, y la Internet se configuró como vehículo donde se procesan los cambios sociales (CASTELLS, 1999) y espacio fructífero para investigaciones en todas las áreas. Procuramos

las condiciones de existencia de los migrantes haitianos en el Brasil, entre 2010-2016, desde las manifestaciones de brasileños en los sitios de noticias *G1*, *Folha de São Paulo*, *UOL* y en la redes sociales *Facebook* y *Twitter*, con el enfoque en el racismo.

PALABRAS CLAVE

Etnografía Virtual. Cibercultura. Medias y Redes Sociales Digitales. Migración.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Defendida em 2017, a tese, *O que (re) velam as manifestações de brasileiros sobre haitianos nas mídias e redes sociais digitais*, investigou as condições de existência dos haitianos no Brasil sob o olhar dos brasileiros. As manifestações foram coletadas nos portais de notícias *UOL*, *Folha de São Paulo* e *G1*, e nas redes sociais *Facebook* e *Twitter*, loci do estudo. As pesquisadoras reuniram dizeres sobre as condições de existência dos haitianos no íterim 2010-2016, cujos contextos dialogassem com questões raciais à frente do pensamento social brasileiro.

A busca dessas vivências, destarte, realizou-se na internet, veículo onde se processam as mudanças sociais e onde se visualizam comportamentos e se coloca como um dos instrumentos de pesquisa para a etnografia (CASTELLS, 1999).

Ao longo da história, as culturas foram geradas por pessoas que compartilham espaço e tempo – sob condições determinadas pelas relações de produção, poder e experiência e modificadas por seus projetos – e lutam umas contra as outras para impor valores e objetivos à sociedade. Portanto, as configurações espaciais-temporais eram importantíssimas ao significado de cada cultura e a sua evolução diferencial. No paradigma informacional surgiu uma nova cultura a partir da superação dos lugares e da invalidação do tempo pelo espaço de fluxos e pelo tempo intemporal: a cultura da virtualidade real. (CASTELLS, 1999, p. 430, grifos nossos).

Assim posto, a internet pode ser vista como geradora de cultura e instrumento utilizado para confrontos entre um “eu” e “outro” que lutam entre si na busca de imposição de valores. Vista sob esse ângulo, é, portanto, geradora de uma cultura de comportamento numa “virtualidade real”. Como pode o pesquisador social transitar por esse veículo fluido e inconstante sem ultrapassar as fronteiras da ética que devem modelar as pesquisas sociais?

Essa inquietação permitiu que novos processos e procedimentos de pesquisas fossem estabelecidos e, posteriormente, verificamos que o compromisso so-

cial do pesquisador é primordial para construir uma nova ética no campo da pesquisa social brasileira: o pesquisador se volte para o respeito aos viventes em situação de vulnerabilidade vistos como sujeitos de pesquisa sob o ângulo da coautoria.

Significa dizer que os haitianos, considerados na pesquisa como “outro” participaram do processo de criação do estudo como “vozes” que, submetidos a manifestações opressoras, respondem: “O Haiti é aqui”. Ou seja: onde houver um haitiano, há o Haiti (DUCSON, 2017¹). Assim, as condições de existência dos haitianos se visibilizam.

A ética se perfaz também e, ao mesmo tempo, pelo desdobramento de estratégias outras disponíveis no espaço cibernético. São os processos e procedimentos de pesquisa disponíveis na internet e que possibilitam mostrar problemas sociais, sem expor descomprometidamente aqueles que, de modo desumano, manifestam-se contra a migração negra no Brasil.

Esta investigação gesta o ciberespaço como lugar onde se processam comportamentos e que estes precisam, para ser compreendidos, superar as exigências da etnografia tradicional (HINE, 2004), ao mesmo tempo em que o tradicional é base para novas possibilidades do estudo etnográfico.

Os estudos referentes a Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC) do Laboratório de Estudos Sobre as Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação (LÊTECE) fazem parte desse contexto e têm como base a abordagem qualitativa relacionada às investigações que se desdobram por meio de diferentes metodologias: estudos exploratórios, descritivos ou analíticos, a depender dos objetivos indicados, conforme estabelece as diretrizes dos estudos desse Laboratório (UFMT, 2013). Por contar

1. Jacques Ducson é haitiano, reside em Cuiabá, responsável por instituir a Organização de Suporte das Atividades dos Imigrantes no Brasil (OSAMB), cujo princípio é integrar a comunidade haitiana que vive em Cuiabá, O fragmento da fala citada foi recortada de entrevista concedida por ele dia 18 de maio de 2017, durante Festa da Bandeira do Haiti. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sMfjhnKM-QI>. Acesso em: 20 de maio de 2017

com uma estrutura múltipla e variada, que o estudo em contexto migratório foi possível neste Laboratório, e resultou numa pesquisa multidisciplinar que evidenciou a interação entre Educação, Sociologia, Literatura, História, Antropologia, Comunicação Social com as Tecnologias da Informação e Comunicação.

A pesquisa refletiu que a internet é um veículo onde se processam relações e, dessas interações, emergem culturas. Assim, é um espaço de aprendizagem e, por isso, um caminho possível para rever e reverter posturas tradicionais, muitas vezes vivenciadas em ambientes educacionais.

É nos grupos informais, como os presentes nas redes sociais, que a aprendizagem tende a ser mais sólida (CASTELLS, 2013). A escola, portanto, pode se instrumentalizar para novas aprendizagens por meio das Tecnologias de Informação e Comunicação (TDIC) e refletir que separar o uso das TDIC das redes sociais, por exemplo, é inexequível, posto que os estudantes que ali estão se consolidam como cidadãos nesses espaços virtuais (CASTELLS, 2013; 2015). As TDIC permitem “experiências variadas e diversificadas, trazendo os saberes/conhecimentos que os alunos têm sobre o assunto, o que permite a geração de novos valores e aprendizagens” (UFMT, PPGE, 2013, p. 4).

Essa percepção se confirmou várias vezes durante os estudos desenvolvidos no ciberespaço, ilustramos com a manifestação de uma jovem estudante postada no Twitter. “Meu professor falou sobre a rebelião dos escravos no Haiti e qnd ele falou ele disse q foi pq disso que o país estava em tanta miséria” (<http://migre.me/vdOCm>, vários acessos).

Em seguida, ela continuou: “Só que ele deixou passar que a França fez os haitianos q eram escravos recém libertos pagarem pela sua independência” (<http://migre.me/vdON9> vários acessos).

E num outro twitte, na sequência, ela revela: “ele falou q o Haiti era pobre pq era gov por negros e n pq os franceses extorquiram o país durante 100 anos além dos anos de escravidão” (<http://migre.me/vdOND> vários acessos).

E finaliza com reflexão sobre o papel da escola tradicional de salvaguardar a educação eurocêntri-

ca, aquela que defende os princípios da colonização europeia como civilizadora. “Isso mostra o qnt a escola manipula é igual qnd só falam dos negros como escravos e dos índios como idiotas q deram as terras por espelhos” (<http://migre.me/vdOOp> vários acessos).

Em consonância com Castells (2015) ratificamos a importância da cibercultura para a educação “um país educado com internet progride; um país sem educação usa a internet para fazer ‘estupidez” (FRONTEIRAS DO PENSAMENTO, 2015).

O ciberespaço e suas múltiplas possibilidades de interação são condicionantes de novos saberes e permitem, portanto, a compreensão sobre outros espaços de pesquisa e aprendizagens.

2 MÚLTIPLAS POSSIBILIDADES DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO: O CIBERESPAÇO, ESPAÇO ONDE SE PROCESSAM MUDANÇAS

Em 2013, momento em que o fluxo de haitianos para o Brasil era intenso, os portais de notícias e as redes sociais veiculavam diariamente notícias sobre essa conjuntura. A necessidade de estudos sobre esse evento motivou as universidades e seus pesquisadores a analisar o processo migratório no século XXI.

Destacamos, dentre esses estudos, os realizados pelo Instituto Migrações e Direitos Humanos, sob coordenação de Rosita Milesi; o do Núcleo de Estudos de População “Elza Berquó, NEPO-UNICAMP, o Observatório das Migrações Internacionais (ObMigra), instituído por cooperação entre a Universidade de Brasília (UnB) e o Ministério do Trabalho e Emprego (MTE), por meio do Conselho Nacional de Imigração, bem como investigações realizados por pesquisadores haitianos no Brasil, como Franck Seguy (2014), Joseph Handerson (2015), e também por brasileiros, Denise Cogo (2013 e seguintes), Hélon Póvoa-Neto (2010 e seguintes) e Gustavo Barreto (2015). Referenciamos também a existência no Facebook de diversos grupos

de acolhimento a imigrantes como “Brasil, país de imigração”, cuja proposta é:

Apoiar os imigrantes, refugiados e estudantes estrangeiros no Brasil. [...] Orientar, informar, dar a palavra a esses mesmos imigrantes e denunciar, quando é preciso, atitudes discriminatórias, preconceituosas ou contrárias aos princípios de respeito e dignidade humana. [...] Constituir um plataforma de atuação junto à mídia, sociedade civil e opinião pública. Agregar instituições sociais, políticas ou humanas implicadas na questão migratória no Brasil, como também *colaborar com as redes de pesquisa que tem o fenômeno migratório como foco de ação e atuação*. (Grupo disponível em <https://goo.gl/OVeiqN> acesso em vários momentos. Grifos nossos).

Muitas dessas pesquisas tiveram como espaço a internet, como se verifica na proposição do grupo supracitado. Nosso estudo foi um dos que se utilizou da internet e do ciberespaço para visibilizar as condições migratórias da população negra no Brasil, em específico a haitiana.

Nossa pesquisa se configurou com caráter qualitativo, etnográfica, como veículo a internet e o lócus o ciberespaço, A Etnografia Virtual, (HINE, 2004) foi a modalidade escolhida por se mostrar adequada aos nossos objetivos, posto que, sob esse prisma, a internet é um veículo cultural que permite pesquisas baseadas nas relações estabelecidas no ciberespaço e geradoras de comportamentos culturais, que se apresentam por meio de manifestações de internautas, as quais ditam normas e regulamentam posturas.

Os estudos de Merleau-Ponty (2004); Geertz (2008); Castells (1970) e Hine (2004) foram importantes para compreender os sentidos da pesquisa etnográfica, os quais discorrem sobre a subjetividade existente em torno da construção metodológica, em específico sobre a escolha do tema de pesquisa e tratamento científico adequado, e afirmam não ser condizente com a prática investigatória a separação entre trabalho teórico e metodológico. Ressaltam esses teóricos que essa desagregação pode ocasionar resultados descontextualizados.

A escolha da etnografia virtual como método para execução da pesquisa etnográfica se fez em conso-

nância com Hine (2004), cuja compreensão circula em torno da etnografia virtual como prática de estudo do cotidiano em torno da internet em seus diferentes contextos. A etnografia virtual permite que o pesquisador observe

[...] com detalhes as formas em que se experimenta o uso de uma tecnologia. Em sua forma elementar, a etnografia consiste em que o investigador mergulhe no mundo que estuda por um determinado tempo e considere as relações, atividades e significados que se forjam entre os participantes dos processos sociais do mundo investigado. O objetivo é tornar explícitas certas formas de construir os sentidos, que geralmente não são ditos, mas suposto. (HINE, 2004, p. 13, tradução nossa).

A internet, vista sob esse ângulo, ganha significados conforme o uso que se faz dela e é esse uso que pode afetar a organização e o estabelecimento das relações sociais e gerar novos conhecimentos. Por sua vez, o ciberespaço é o campo gestacional de cultura, isto é, gerador de comportamentos, por isso adequado para realizar um trabalho investigativo de caráter etnográfico. A base para as investigações realizadas no ciberespaço transita entre o tradicional e o novo. O primeiro estabelece os princípios, o segundo adapta esses princípios a novos contextos formativos de pesquisa.

Para a etnografia tradicional o etnógrafo se desloca fisicamente e faz contato face a face com seus sujeitos de pesquisa. Já os novos procedimentos permitem ao investigador contactar seus sujeitos sem deslocamento físico. Não significa, entretanto, que esse contato seja menos real, o que Castells (1999) denomina de “virtualidade real”. O pesquisador realiza sua pesquisa no ciberespaço, por meio de ambiente interativo, possível de ser acessado a qualquer momento. Esse procedimento facilita e torna mais dinâmica a proximidade do pesquisador com seu local de trabalho, ao mesmo tempo em que, no ciberespaço o comportamento do sujeito pesquisado se fixa e se forja no momento que escreve e se posiciona.

Portanto, o ciberespaço se desenha como lugar de observação e nele emerge significações de um determinado evento sociovirtual. Embora os mundos social

e virtual pareçam ser distintos, não o são. Um se realiza no outro e se compõem como parte da etnografia virtual, o que faz romper com esse dualismo, posto que trabalhe, por ser etnografia, com microanálises e as rupturas precisam, portanto, ser superadas (HINE, 2004).

Transpostas as preocupações e rompidas as barreiras entre o tradicional e o novo, as manifestações colhidas nos portais de notícias e redes sociais se tornaram legíveis e se visibilizaram, a partir do uso de processos e procedimentos adaptados para o objetivo do estudo em conformidade com os princípios da Etnografia virtual, como comportamentos socioculturais reflexos do pensamento social brasileiro racializado.

3 ETNOGRAFIA VIRTUAL: PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

Um etnógrafo transita sempre pelo desconhecido e pretende perceber, narrar, discorrer sobre esse desconhecido, de modo que se torne legível ou o mais próximo da legibilidade. Não há na etnografia o compromisso com a verdade. Se ela existe, emerge pela subjetividade. Desse modo, o ciberespaço é um lugar de subjetividades.

Apesar disso, não se rompe com o compromisso ético e nem com os procedimentos metodológico para a (re)velação dos sujeitos. Isto é, o sujeito da pesquisa é um indivíduo cuja existência se faz no campo cibernético. Ele caminha e se materializa no espaço virtual, que “é o terreno onde está funcionando a humanidade hoje” (LÉVY, 2000, p. 13). Se o sujeito cibernético funciona nesse campo, ele então é um sujeito real e, portanto, pode ser percebido cientificamente. Rompe-se, assim, com o primeiro desafio de o sujeito cibernético ser ou não real.

Hine (2004) formaliza dez princípios para a realização da Etnografia virtual (EV). A autora releva que: 1. A EV exige compromisso com o campo de trabalho, bem como a presença, ainda que não seja física, do etnógrafo. O campo investigado não é sensível, mas

adquire sensibilidade em seu uso. Assim, são os usos que se faz da rede que significam e estes são interpretados e reinterpretados;

2. A internet é um meio de comunicação interativo e simultâneo;

3. A EV está ligada ao concreto e a múltiplos espaços de uma só vez e permite, portanto, ao etnógrafo estudar a conformação desse espaço, por meio das interações mediadas;

4. A EV pede que seja revista a noção de campo de estudo;

5. Os limites da investigação são colocados no decorrer do processo e o desafio consiste em estabelecer os limites entre configuração e conexões, especialmente entre ‘virtual’ e ‘real’, por isso saber onde parar e até onde se deseja ir é importante e exige um etnógrafo experiente;

6. A EV acontece num espaço de intervalo tanto para quem investiga como para quem é investigado, porque ambos convivem com várias atividades fora do tempo e espaço da pesquisa, assim imergir no contexto é algo que se alcança intermitentemente;

7. Na EV, noção tradicional de informante é repensada, porque sua localização, ou mesmo vê-lo em sua totalidade é algo impossível de alcançar, por isso, a EV é parcial. As descrições, desse modo, são baseadas naquilo que se considera de importância estratégica para a análise e não são representações fiéis dadas por realidades objetivas;

8. A EV requer um intenso mergulho na interação mediada, esse envolvimento atribui uma nova dimensão à exploração do contexto e a tecnologia é parte do trabalho etnográfico;

9. As tecnologias interacionais permitem que tanto os informantes como o pesquisador estejam presentes, ainda que ausentes fisicamente um do outro, pois a tecnologia permite que as relações entre eles sejam sustentadas a partir de divisões espaciais e temporais;

10. A EV não carece de corpo físico. Adapta-se, portanto, ao propósito, prático e real, de explorar as relações nas interações mediadas.

Em síntese, a etnografia virtual possibilita a adaptação do pesquisador ao ambiente pesquisado, no entanto não desconsidera o compromisso com a pesqui-

sa, ainda permite adaptar procedimentos e se constrói em permanente autointerrogação. Essas possibilidades direcionaram a pesquisa sobre o olhar dos brasileiros para os haitianos e nos lançaram a desafios, por exemplo, de como se comportar no ciberespaço, ao considerar que nossa pesquisa versou sobre populações viventes à margem da sociedade.

Na década de 1960, o pesquisador Humphreys produziu um estudo cujos sujeitos eram homossexuais. As relações homoafetivas, crime a época, só era possível de ser visto em espaços ocultos, como banheiros. Por isso, o pesquisador realizou sua pesquisa nesses espaços sem se revelar (FLICK, 2004).

Em contextos assim, explica-nos o Flick (2004, p. 148), “aplica-se a observação secreta, na qual as pessoas não são informadas de que estão sendo observadas”. Optamos, a exemplo de Humphreys, por não informar diretamente aos manifestantes sobre nossa pesquisa, porque corríamos o risco de impedir os dizeres ou de fazer com que estes não fossem revelados, posto que os dizentes poderiam se sentir observados, uma vez que nossa pesquisa tratou sobre a existência de racismo e xenofobia, crimes no Brasil.

De todo modo, o estudo foi construído por coletas realizadas nos portais e redes sociais citados e que são espaços públicos, em que se é permitida a livre interação entre os manifestantes. Nas redes sociais *Facebook* e *Twitter*, participamos de cerca de vinte grupos de apoio a migrantes haitianos, alguns públicos, outros não, e nesses espaços nossa pesquisa foi explicitada, uma vez que neles a interação se fazia com o “outro” – haitianos e também com brasileiros, expressiva maioria, favoráveis à migração haitiana. Aproximadamente dez mil manifestações foram selecionadas nesses portais e redes sociais.

Escolhemos *UOL*, *G1* e *Folha de São Paulo* por compreender serem eles os acessados em todo o território brasileiro e base para que mídias menores busquem, a partir deles, notícias e as divulguem. E as redes sociais pela democratização e alcance que se tem, independente de raça/cor, idade, profissão.

Os procedimentos para separar as manifestações se fizeram a partir da noção de marcas triplas cunha-

das no estudo: os migrantes haitianos são discriminados por serem migrantes oriundos do Haiti, *marca de origem*; serem negros, *marca de raça/cor*, e por serem pobres, *marca da classe*.

A partir dessas marcas, fizemos enquadramentos, de modo que pudéssemos situar cada marca em conformidade com o portal de onde fora coletado ou da rede social. Esse método nos permitiu, embora não fosse nossa intenção, visualizar perfis dos manifestantes, tanto gênero, como idade, raça/cor, o que poderá ser útil para pesquisas futuras.

São muitas e variadas as estratégias de pesquisa quando se utiliza a internet como veículo. Especificamos algumas delas que foram organizadas em conformidade com os princípios básicos da Etnografia virtual. Como a presença do etnógrafo no espaço é mediada por relações atemporais, ao mesmo tempo em que os conteúdos são atualizados e reatualizados incessantemente, tornou-se necessário dispor de recursos tecnológicos, tais como:

a) uso da ferramenta “favoritos” do sistema de busca *Google*. Buscávamos as notícias e as arquivávamos em pastas, nomeadas de acordo com o portal/rede social. Esse armazenamento nos permitiu retornar à manifestação sempre que preciso, ao mesmo tempo, em que esta já vinha atualizada;

b) uso da ferramenta “pastas” do e-mail. Inscrevíamos nos portais e blogs para receber notícias atualizadas, estas eram enviadas para nossa caixa. Ao receber, líamos e selecionávamos as correspondentes ao estudo e arquivávamos. Esse recurso é excelente porque permite arquivar por datas.

Nas redes sociais, o *Facebook* permite em “Salvos” guardar postagens e já as separa por categorias: vídeos, links, produtos, fotos, locais, filmes, programas de tvs. Quando a manifestação é salva, automaticamente é categorizada por pasta, data e também enumerada a quantidade de arquivos salvos naquela categoria.

Em se tratando do *Twitter*, este oferece o sistema de busca equivalente aos dos portais científicos, com busca avançada e também salva o conteúdo buscado. Desse modo, esses procedimentos solidificam a pesquisa na internet, dão segurança ao pesquisador, ao

mesmo tempo em que pode ser adaptado e também permite novas estratégias.

Após esses procedimentos, fizemos a releitura de todas as manifestações e refletimos sobre como organizá-las para análise com olhar voltado para o pensamento social brasileiro de cunho racista presente, a partir do século XIX, no processo migratório.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A reflexão sobre etnografia virtual como recurso para realização de pesquisas cujo lócus é o ciberespaço nos auxilia a ver, ao mesmo tempo compreender, como a internet e as tecnologias de informação e comunicação são instrumentos relevantes para a educação.

Ao permitir a interação, a troca cultural, ao se consolidar como um espaço onde se processam mudanças que se perfazem num constante fluxo de informação, o ciberespaço se torna o espaço do conhecimento. Os conteúdos das aulas de sociologia, literatura, história podem ser enriquecidos e dinamizados com o uso da internet.

Pré-conceitos podem ser revistos e repensados, imagens, muitas vezes, banalizadas e colocadas como se fossem sem intencionalidade podem ser refletidas e desconstruídas. Comportamentos, portanto, podem ser ressignificados quando se tem como recurso a internet.

Para que os professores se transformem, precisamos, antes de mais nada, entender o contexto social do ensino, e então perguntar como é que esse contexto distingue a educação libertadora dos métodos tradicionais. [...] a educação não é, por si só, a alavanca da transformação revolucionária. O sistema escolar foi criado por forças políticas cujo centro de poder está distante da sala de aula. Se a educação não é a alavanca da transformação, como é que podemos compreender a educação libertadora? Quando você chega a esta dúvida, você deve parar e refletir de outro modo. (FREIRE; SHOR, 1986, p. 7).

Paulo Freire e Shor (1986), ao falar sobre o ofício do educador, salientam que a educação deve convergir para a emergência de um sujeito solidário. A escolha pela internet e pelo ciberespaço como local para realização da nossa pesquisa não foi por acaso. Ela se deu por entendermos que a vida em rede e as conexões que se estabelecem, permitidas pelos acessos aos portais digitais e redes sociais, apontam para a existência de espaços onde as pessoas criam elos e onde se demonstram novos comportamentos.

Aos educadores, por sua vez, é permitido ver a internet como “alavanca da transformação revolucionária”. O seu uso, no entanto, demanda a revisão de práticas tradicionais e a compreensão de que o ciberespaço é um importante instrumento pedagógico e que as mídias e redes sociais são significativas para a aprendizagem.

O que dizem no ciberespaço? Como dizem e por que dizem? O que motivam esses comportamentos? São questões que levantam perspectivas de aprendizagens. Portanto, o uso das tecnologias de informação e comunicação no cotidiano da sala de aula possibilita a emergência de novas e desafiadoras posturas pedagógicas.

REFERÊNCIAS

CASTELLS, Manuel. **A era da informação: economia, sociedade e cultura**. v.3, São Paulo: Paz e terra, 1999.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

FLICK, Uwe. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. 2.ed. Tradução Sandra Netz. Porto Alegre: Bookman, 2004.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia: o cotidiano do professor**. Tradução de Adriana Lopez; revisão técnica de Lólio Lourenço de Oliveira. Rio

de Janeiro: Paz e Terra, 1986. (Coleção educação e Comunicação, v.18).

FRONTEIRAS DO PENSAMENTO. **Manuel Castells**: “um país educado com internet progride; um país sem educação usa a internet para fazer ‘estupidez””. Entrevista concedida a Fronteiras do Pensamento, por Ingrid Santos. Publicada no Diário Catarinense. 17 maio de 2015. Disponível em: <<https://goo.gl/YYp0u3>>. Acesso em: 25 maio 2015.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 13.reimp. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

HINE, Cristine. **Etnografia virtual**. Tradução do inglês de Crtsuen P. Hormazabal para versão em espanhol. Barcelona: Ed. UOC, 2004. (Coleção Nuevas Tecnologías y Sociedad).

LÉVY, Pierre. A emergência do Cyberspace e as mudanças culturais. In. PELLANDA, Nize Maria Campos; PELLANDA, Eduardo Campos (Org.).

Ciberespaço: um hipertexto com Pierre Lévi. Porto Alegre: Arte e Ofícios, 2000. p.13-35.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Conversas – 1948**. Organização e notas de Stephanie Menase. Tradução de Fabio Landa e Eva Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

UFMT – UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO; PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – PPGE. **Aprender e ensinar com as TIC**: sobre tendências, dilemas e perspectivas. Cuiabá: UFMT/PPGE, 2013. Disponível em: <<http://encurtador.com.br/fml07>>. Acesso em: 7 maio 2017.

Recebido em: 27 de Maio de 2017
Avaliado em: 4 de Junho de 2017
Aceito em: 3 de Agosto de 2017

1. Doutora em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação do Instituto de Educação da Universidade Federal de Mato Grosso. Pesquisadora do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Sobre Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação - LÊTECE. Membro filiado à Associação Brasileira dos Pesquisadores Negros (ABPN). Professora do Instituto Federal de Educação de Mato Grosso. E-mail: maristelaabadia@uol.com.br

2. Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas (2005). Atualmente é professora associada da Universidade Federal de Mato Grosso. Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGE - do Instituto de Educação da UFMT. Líder do Grupo de Pesquisa Laboratório de Estudos Sobre Tecnologias da Informação e Comunicação na Educação - LÊTECE. E-mail:maristelaabadia@uol.com.br